

## AS CONTRADIÇÕES DA HERANÇA: TRAJETÓRIA SOCIAL DE UM EGRESSO DO COLÉGIO CATARINENSE<sup>1</sup>

Juliana Topanotti dos Santos de Mello<sup>2</sup> – UDESC

### Eixo temático I: Ensino secundário técnico/médio

---

#### RESUMO

Este trabalho trata da trajetória social de um egresso do Colégio Catarinense que concluiu o ensino secundário na referida instituição em 1955. Oriundo de uma família pobre, residente na cidade Tubarão, Santa Catarina, este aluno realizou sua escolarização por meio de instituições públicas e bolsas de estudo. Concluiu a faculdade de Medicina e desenvolveu sua carreira profissional nessa área de atuação. O foco deste estudo é observar quais as características familiares possibilitaram e serviram de estímulos para o desenvolvimento desta trajetória social e quais os limites impostos pela condição de classe social. As sociologias de Pierre Bourdieu e de Bernard Lahire serviram como aparato teórico para a compreensão do trajeto percorrido por este ex-aluno do Colégio Catarinense.

---

<sup>1</sup> Este estudo é parte integrante da pesquisa “Trajetórias sociais de egressos/as dos colégios de ensino secundário de Florianópolis na década de 1950”, empreendida pelo Grupo de Pesquisa “Ensino Médio em Santa Catarina: Perspectivas Sócio-históricas”. Este grupo de pesquisadores é coordenado pelo Prof. Dr. Norberto Dallabrida e buscou abarcar o estudo das trajetórias sociais dos egressos formados nos três colégios de Florianópolis concludentes do ensino secundário entre os anos de 1951 e 1960.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina

Fundado em 1906 em Florianópolis, o Colégio Catarinense, uma instituição privada dirigida por padres jesuítas, recebia como alunos os filhos da elite e das camadas médias catarinenses (DALLABRIDA, 2001). As famílias que possuíam rendimentos investiam na educação de seus filhos varões<sup>3</sup> ao matriculá-los num curso que dava acesso ao ensino superior, além transmitir os conhecimentos e condutas necessários para o ingresso em profissões prestigiosas.

Contudo, alguns alunos advindos de famílias com poucos recursos financeiros tiveram a oportunidade de estudar na Instituição e concluir o ensino secundário por meio de bolsas de estudo. Em meados da década de 1950, o Decreto No. 37.494, de 14 de junho de 1955, (BRASIL, 1955) consolidou esse incentivo governamental aos alunos das classes médias e populares que desejavam cursar o ensino secundário. Essa regulamentação da aplicação dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Médio estipulava que parte dos recursos destinados a esse ramo de ensino fosse utilizado em “bolsas de estudo de adolescentes mais capazes, dentre os necessitados” (BRASIL, 1955), modificando os rumos das trajetórias desses meninos e rapazes.

Ao concluírem o ensino secundário e um curso superior inserindo-se em profissões especializadas, os egressos bolsistas divergiram de seus ascendentes, ocupando outras posições sociais. A partir da escolarização e com seus conteúdos e sociabilidades, construíram seus capitais econômicos, culturais e sociais, lançando suas famílias num outro patamar simbólico. Para Bourdieu (2007b, p.235), esses são os *trânsfugas*: aqueles que conseguem, com muito esforço e disciplina, romper com o seu destino de classe e modificar os rumos escolares e profissionais em relação aos demais membros de suas famílias.

Bourdieu acrescenta que tal rompimento não ocorre facilmente, pois a desigualdade social opera-se não somente pela má distribuição do capital econômico; para ele há desigual distribuição dos bens culturais, o que opera uma desigualdade nos desempenhos escolares. Lahire (2004, p. 19) considera que uma criança não consegue obter sucesso em seu percurso escolar quando se encontra sozinha enfrentando as

---

<sup>3</sup> Até o início da década de 1970 o Colégio Catarinense só acolhia alunos do sexo masculino.

exigências escolares. Por inúmeras razões, na socialização empreendida no meio familiar, a criança não consegue constituir as disposições necessárias para posteriormente responder às questões propostas pela escola. Quando retorna ao meio familiar com dúvidas e dificuldades, igualmente não encontra nos membros familiares o apoio necessário, ou seja,

Realmente, eles não possuem as disposições, os procedimentos cognitivos e comportamentais que lhes possibilitem responder adequadamente às exigências e injunções escolares, e estão portanto sozinhos e como que alheios diante das exigências escolares. Quando voltam para casa, trazem um problema (escolar) que a constelação de pessoas que os cerca não pode ajudá-los a resolver: carregam, sozinhos, problemas insolúveis (LAHIRE, 2004, p. 19).

Muitas vezes os pais e demais familiares não tiveram a oportunidade de frequentar a escola e da mesma forma não tiveram muito contato com a cultura legítima, que geralmente é solicitada pela escola. Assim, não constituíram um patrimônio cultural que possa ser transmitido aos filhos e auxiliá-los em seus percursos escolares. Além dessa situação cultural e social há o conflito psicológico em que pais e filhos estão inseridos. Para os filhos aceitar a herança recebida é continuar no mesmo caminho que seus pais, identificarem-se com eles, pertencer ao grupo familiar. Avançar na escolarização é distanciar-se culturalmente e socialmente de seus parentes e esta situação nem sempre é vivida sem sofrimento.

[O pai] sente-se inclinado à ambivalência em relação ao êxito do filho, assim como em relação a ele próprio (...). Ele diz: seja como eu, faça como eu, e, ao mesmo tempo: seja diferente, desapareça. Toda a sua existência encerra uma dupla injunção: tenha êxito, mude de situação, torne-se um burguês, e, por outro lado, permaneça simples, sem orgulho, próximo do povo (de mim) (BOURDIEU, 2007b, p. 234).

Não obstante todas essas dificuldades os pais buscam envolver-se com a escolarização de seus filhos. Em sua pesquisa sobre o sucesso escolar nos meios populares, Lahire (2004, p. 334) observou que a ideia de que os pais provenientes dessa classe social são omissos é um mito. Para eles a escola é uma instituição deveras importante para o futuro de seus filhos e por tal razão investem no futuro educacional de seus filhos. Para chegar a tal conclusão, Lahire (2004, p.20) investigou 26 famílias destacando suas configurações sociológicas: as formas da cultura escrita utilizadas, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico. Esses cinco temas foram

pesquisados intentando verificar os possíveis elos entre a atmosfera familiar e a escolar, que em ambos os casos ultrapassa a relação com o saber.

Além disso, para as crianças das classes populares o bom desempenho escolar desde os primeiros anos é decisivo. Mesmo que o percurso escola encontre-se perpassado de dificuldades, o aluno deve ser bem sucedido já no ensino primário, para que a escolarização se alongue até o ensino secundário ou mesmo universitário. Há um paradoxo sintetizado por Bourdieu ao afirmar:

Enfim, o princípio geral que conduz à superseleção das crianças das classes populares e médias estabelece-se assim: as crianças dessas classes sociais que, por falta de capital cultural, têm menos oportunidades que as outras de demonstrar um êxito excepcional devem, contudo, demonstrar um êxito excepcional para chegar ao ensino secundário. (BOURDIEU, 2007a, p.50)

Para tentar compreender como concretamente opera esse paradoxo das trajetórias sociais dos *trânsfugas* foi realizado um estudo da trajetória social de um egresso do Colégio Catarinense que concluiu o ensino secundário nessa instituição em 1955. Esse ex-aluno, embora oriundo de uma família com poucos recursos econômicos, culturais e sociais, teve uma carreira profissional de êxito, superando a posição de classe de seus familiares.

Neste estudo ganharão relevo os mediadores sociais e os processos de socialização empreendidos nos diferentes grupos pelos quais o egresso bolsista transitou ao longo de sua trajetória social. Dessa forma, primeiramente será apresentada a origem sócio-familiar de Arary e seu percurso escolar. Num segundo momento deste trabalho será realizada uma descrição e análise de sua carreira profissional, seguida das considerações finais suscitadas por este trabalho.

### **A infância no bairro Oficinas e o percurso escolar**

Arary nasceu e viveu a sua infância e adolescência em Tubarão, cidade do sul de Santa Catarina, mais especificamente no bairro de Oficinas. Um bairro operário, onde a grande maioria dos moradores era de funcionários das oficinas responsáveis pela manutenção da Ferrovia Tereza Cristina. Inicialmente, as oficinas responsáveis pela manutenção dos trens que percorriam a ferrovia ficavam situadas na cidade de Imbituba. No início do século XX, essas oficinas foram deslocadas para o município de Tubarão, por razões políticas e econômicas (BITTENCOURT, 2008, p. 177). A localidade na

qual essas dependências da ferrovia foram instaladas deu origem ao bairro de Oficinas, que diferia do centro, mais elitizado e ocupado por pessoas de posições mais prestigiosas pertencentes à sociedade tubaronense, bem como divergia dos setores rurais do município. Arary descreve essa singularidade dos moradores do bairro de Oficinas:

Os operários, moradores do bairro de Oficinas tinham características de homens simples, nem sempre alfabetizados, um tanto politizados, apresentando-se como tipo intermediário entre os citadinos e os rurais. Na contrapartida, a gente simples dos bairros, operários ou colonos, tratavam com muito respeito os bem vestidos moradores da cidade, como era conhecido o Centro, onde os bem apresentáveis eram tidos como doutores. (BITTENCOURT, 2008, p. 115-116)

Foi nesse bairro que Arary morou até vir para Florianópolis cursar o colegial. Seu pai era marceneiro e trabalhava para a empresa que administrava a estrada de ferro. Sua mãe era dona de casa, e com o falecimento do marido aos 33 anos e tendo Arary 10 anos, passou a trabalhar também como costureira para os moradores do bairro. Talvez pelo fato do pai ter contraído tuberculose muito jovem, a família de Arary não foi muito numerosa, eram apenas os pais, o egresso do Colégio Catarinense e uma irmã. (BITTENCOURT, 2011, p.1). As famílias dos tios de Arary, irmãos do pai e da mãe, costumavam ser numerosas, geralmente tinham mais de dez filhos e, com recursos poucos, escolhiam um deles para fazer um investimento maior e propiciando uma escolarização mais longa. Em seu núcleo familiar, Arary foi o escolhido, fato que ele atribui ao gênero, pois sua irmã, por ser mulher, não teve o mesmo investimento educacional (BITTENCOURT, 2011, p. 20). Bourdieu (2003, p. 613) constata que, em famílias com poucos capitais acumulados, geralmente há um investimento desigual na educação da prole.

Quando tinha oito anos, foi inaugurado o Grupo Escolar Mauá e Arary foi aluno da primeira turma. Atrasou um ano a sua entrada no primário para poder estudar no Grupo Escolar recém fundado. A instalação dessa Instituição de ensino trouxe modificações culturais, sociais e econômicas para a localidade; segundo Bittencourt (2011, p. 2) houve um “acultramento”, pois passaram a contar com uma escola organizada onde antes havia apenas escolas primárias improvisadas nas casas de alguns moradores.

Uma das atividades mais desempenhadas por Arary no ensino primário era a leitura. O Grupo Escolar possuía uma pequena biblioteca, onde ele constantemente praticava a leitura. Os professores da escola primária estimulavam a leitura, bem como a escrita; havia um jornalzinho que ficava afixado no mural, e os alunos eram convidados a escrever (BITTENCOURT, 2010, p.21). Estudava com afinco e conseguia boas notas. As dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades escolares precisavam ser sanadas com outras pessoas fora de seu círculo familiar, pois seus pais não cursaram o primário completamente e não conseguiam ajudá-lo. Geralmente, o menino Arary recorria ao morador do Bairro Oficinas “Seu Monteiro”, um técnico de alto gabarito, funcionário da ferrovia e natural do Rio de Janeiro. (BITTENCOURT, 2011, p. 21).

“Seu Monteiro” sabia o idioma Inglês, necessário para poder desempenhar suas atividades junto às máquinas de origem inglesa, e possuía uma biblioteca em sua residência. Como havia pouco o que fazer nos momentos de lazer, esse senhor não se furtava a responder as dúvidas dos estudantes, auxiliando-os nos trabalhos escolares. Além disso, quando tinham tempo livre, “Seu Monteiro” e outros moradores do bairro reuniam-se num banco que ficava à sombra de uma paineira e ficavam discutindo as notícias que liam nos jornais e revistas. Segundo Arary era um “banco eclético” (BITTENCOURT, 2011, p. 22), pois reunia diferentes pessoas, com graus de instrução diversos e que discutiam vários assuntos. O pai de Arary costumava participar das reuniões e levava seu filho junto com ele, e nessas ocasiões o egresso tinha oportunidade de ler os jornais provindos dos grandes centros, além de ouvir as conversas sobre política, notícias internacionais, etc. (BITTENCOURT, 2011, p. 22). Outra fonte de assuntos nesses encontros era o rádio, que trazia conteúdo diário para as conversas e que poucas famílias do bairro de Oficinas possuíam e uma delas era a de Arary (BITTENCOURT, 2011, p 22).

Ao término do ensino primário, Arary continuou no Grupo Escolar, frequentando o Curso Complementar, pois era uma maneira de estudar um pouco mais e se preparar melhor para futuras escolarizações (BITTENCOURT, 2011, p.2). Como Arary não vislumbrava a possibilidade de vir a ser professor primário (percurso escolar mais escolhido pelas meninas), seus familiares e ele próprio queriam matriculá-lo no ginásio. Na época, já havia o Ginásio Sagrado Coração de Jesus, localizado em Tubarão, que oferecia o nível de ensino almejado. Porém, as dificuldades de ingressar

nessa Instituição eram duas: passar no exame de admissão e condições financeiras para arcar com os custos de um ginásio particular (BITTENCOURT, 2011, p.2).

Os obstáculos financeiros foram vencidos com a união de esforços entre a família e o pároco do bairro de Oficinas, que conhecia os padres do Ginásio Sagrado Coração de Jesus. Assim, conseguiram uma bolsa de estudos para matricular Arary no curso ginásial, dependendo da aprovação no exame de admissão. Com o aprendizado dos quatro anos do ensino primário e mais dois anos do Curso Complementar, atingiu a nota necessária, sendo aprovado no teste. As dificuldades iniciais foram transpostas, mas durante o período em que cursou o ginásio outras vieram. O transporte entre a casa e a escola era uma delas, pois o Ginásio Sagrado Coração de Jesus localizava-se na outra margem do rio Tubarão. Para atravessá-lo, Arary ia de canoa com um colega, dado o fato de não haver meios de a família custear outro meio de locomoção (BITTENCOURT, 2011, p.3).

No ginásio havia distinções entre aqueles de origem social mais simples e os mais aquinhoados. Geralmente, os primeiros residiam no bairro de Oficinas e os segundos no centro. Aqueles que não dispunham de meios financeiros e sociais eram “deixados um pouco de lado” pelos colegas (BITTENCOURT, 2011, p.18). A forma de suplantar tais diferenças era se destacar lendo e adquirindo cultural geral. A origem social desfavorecida servia como impulsionadora da aquisição de todo capital cultural disponível na instituição. Os alunos mais desfavorecidos eram os que mais usavam a biblioteca e os demais materiais didático-pedagógicos colocados à disposição pela escola.

Em meio a essas circunstâncias críticas, Arary foi estudando e conhecendo outras possibilidades profissionais diferente das que tinha, juntamente com seus vizinhos, antes de entrar no curso ginásial. No contato com os colegas e professores do Ginásio Sagrado Coração de Jesus, foi sendo ampliado o seu capital informacional<sup>4</sup> sobre o percurso necessário para escolarizações mais longas que o curso primário. Outras profissões foram sendo apresentadas, para além daquelas que a Estrada de Ferro

---

<sup>4</sup> Bourdieu (2007a, p. 45) ao elencar os diversos fatores que influenciam os percursos escolares salienta que as informações sobre o universo educacional são importantes e interferem na trajetória social de uma criança ou de um adolescente. O capital informacional seria este conjunto de informações que possibilita que as famílias façam certas escolhas visando uma possível escolarização futura para seus filhos.

disponibilizava aos moradores de Oficinas. Sobre o futuro profissional almejado pelos meninos do bairro Oficinas e as mudanças que a escola lhe trouxe, o entrevistado descreve:

Foram quatro anos de certas dificuldades, mas foram bem vencidas. Durante o curso fiquei sabendo que tinha mais cursos pela frente. Até então, o sonho de cada guri das Oficinas, que não pensavam em escola, que era uma coisa obrigada a ir, forçados pelos pais, que nem todos cumpriam, mas deslumbravam para o futuro ser empregado da Estrada de Ferro, que era o grande empregador da época. Pagando bem ou mal, mas era um empregador. Era uma empresa que tinha uma faixa de mil empregados em toda a extensão da linha, centrada ali em Oficinas. Essa situação gerava, então, na cabeça dos que pensavam um pouquinho mais ser o quê? Maquinista, o ídolo local. Era aquele homem vestido, com a roupa de serviço, um terno cáqui, assim, sabe cor cáqui, uma cor meio estranha. [...] Sabe qual é a cor, não é? Era um traje composto de calça e tipo de paletó mais o boné, este todo bordado com o *logo* da empresa, era chique. Só não tinha gravata porque era um serviço sujo e pesado, mas ele se comportava muito bem, principalmente os maquinistas dos trens de passageiros, quando tinham que se apresentar melhor. Era o que eu queria ser, a não ser, talvez até carpinteiro, mas meu pai achava melhor ser pelo menos maquinista. Foi a escola que abriu novos caminhos, que existiam outras profissões, que tu podias ser algo mais do que só operário. (BITTENCOURT, 2011, p 3-4).

Observa-se também que as aspirações do pai de Arary para o futuro profissional do filho, mesmo que não abarcassem as possibilidades trazidas posteriormente pela escola, era que superasse a sua posição no meio social. Desejar que o filho fosse no mínimo maquinista era pensar que ele, mesmo permanecendo no meio operário, ocupasse o lugar de mais destaque. Lahire (2004, p. 334) destaca que os pais, ao pensar o futuro profissional de seus filhos, tendem a almejar “para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizador que o deles”.

Após a conclusão do curso ginásial e para seguir algum dos outros caminhos mostrados pela escola, seria necessário que Arary concluísse o ensino secundário fora da cidade de Tubarão. Dallabrida (2011, p. 156) observa que na década de 1950 “o ensino secundário era um artefato eminentemente urbano” em Santa Catarina. Os poucos colégios estavam situados nas grandes cidades, enquanto que nas cidades do interior havia apenas ginásios. Diante disso, novamente a família de Arary mobilizou-se para viabilizar mais essa etapa de estudos, e mais uma vez contaram com o apoio dos padres, aqueles que lecionavam no Ginásio Sagrado Coração de Jesus. Agora a situação era ainda mais complicada, pois além de conseguir a bolsa para as mensalidades escolares, era preciso arrumar uma forma de manter o egresso na cidade onde estudaria.



As preocupações se faziam presentes ao final no quarto ano ginásial, sendo preciso novamente acionar a rede de relações familiares e estudar conjuntamente as possibilidades.

Arary e seus familiares descartaram Porto Alegre por ser muito longe de Tubarão e Curitiba era uma possibilidade, ainda que muito remota, mas contavam com o apoio de uma tia que residia na capital paranaense. Pela proximidade e possibilidade concreta de conseguir uma bolsa, foi escolhido o Colégio Catarinense. Arary obteve informações sobre esses colégios em conversas com os colegas e professores do ginásio, que lhe indicaram as possibilidades de continuar o ensino secundário.

Ao mesmo tempo em que se abriam possibilidades, mais dificuldades eram apresentadas. Havia dois contextos sociais: por um lado, as dificuldades financeiras, culturais e familiares, e por outro os contatos sociais existentes, o desejo da família, e o bom desempenho no primário e ginásial que o impeliavam a seguir adiante. Quando a ida para o Colégio Catarinense estava quase concretizada, houve a dificuldade em montar o enxoval solicitado pelo Colégio. A lista de itens necessários, tais como: terno de gala e gravata, roupas e calçados para uso diário e esportes, deixou a mãe de Arary apreensiva, pois constatava que “Não era para filhos de operários, e sim para ricos, o que o colégio exige”(BITTENCOURT, 2012, p.380). Sobre esse aspecto Bourdieu (2007a, p.46) acrescenta que

Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível. Dizer, a propósito dos estudos clássicos de um liceu, por exemplo, “isso não é para nós”, é dizer mais do que “não temos meios para isso”. Expressão da necessidade interiorizada, essa fórmula está, por assim dizer, no imperativo-indicativo, pois exprime, ao mesmo tempo, uma impossibilidade e uma interdição.

O fato de ter sempre as possibilidades mescladas com as impossibilidades marcou todo o período de permanência no internato do Colégio Catarinense. Arary adaptou-se à rotina de estudos e de horários, não sem dificuldades, pois estava saindo de casa pela primeira vez, e o confinamento era muitas vezes penoso (BITTENCOURT, 2012, p. 396). Aproveitava os poucos momentos livres para ler e ouvir música clássica

na vitrola dos padres, algo que apenas os que tinham boas notas <sup>5</sup>e bons comportamentos poderiam fazer (BITTENCOURT, 2012, p. 401). Com o passar do tempo, o cotidiano tornou-se mais aprazível, foi se acostumando ao internamento e fazendo mais amizades, sem, contudo, estar totalmente tranquilo, pois

Uma preocupação nunca o abandonou e o perseguiu, principalmente, no primeiro ano de internato. Não compartilhou com ninguém e sozinho amargou sua inquietação. Apesar de ser considerada a bolsa de estudos uma distribuição oficial, entendia que estava vivendo momentos de favores, sujeito às variações políticas. O processo de obtenção de sua bolsa aconteceu de maneira tumultuada e foi decidida de afogadilho, não deixando claro quem realmente foi o maior incentivador. A preocupação era formada em cima da dificuldade de localizar alguém que o pudesse ajudar em caso de necessidade. A imagem, sempre presente, era do ex-professor Padre Érico em quem realmente acreditava, mas residia muito longe. Nas orações da noite e de manhã, na capela, pedia para que não fosse pego de surpresa, por determinação governamental, excluindo-o do quadro de bolsistas. Das inquietações relacionadas a sua manutenção, de certeza mesmo, a impossibilidade dos familiares assumirem as despesas. (BITTENCOURT, 2012, p. 394)

Outra contradição vivida no período em que estudou no Colégio Catarinense era a constatação de que os alunos oriundos das classes populares e médias altas e da elite possuíam diferentes *habitus*, que se expressavam nas roupas, nos comportamentos, no modo de agir, de falar e etc. Embora os padres jesuítas não fizessem diferenciações de tratamento entre os alunos bolsistas e os alunos pagantes (BITTENCOURT, 2012, p. 397), havia distinções que se colocavam entre eles, principalmente entre o grupo formado pelos internos e dos externos. Em seu livro de memórias, Arary reflete:

Eram percebidas diferenças culturais, regionais e sociais entre colegas de internato e externato. Considerava-se o colegial de Oficinas, ao lado de poucos, muito simples perante todos. O jeitão de interiorano pobre era exteriorizado pela maneira de vestir e calçar. Já não suportava suas singelas calças de brim, amarrotadas, e as surradas alpargatas desbotadas e deformadas. Confortava-lhe a certeza, que se igualava e até suplantava alguns dos considerados ótimos estudantes, bem apresentáveis e de palavras fáceis. Ao medir conhecimentos gerais, poucos o alcançavam, por falta de leitura. Agradecia a oportunidade de ter podido frequentar as bibliotecas do Mauá e do Coração de Jesus. Entendia perder o confronto, que nunca acontecia, quando fossem julgados hábitos sociais, etiquetas, bem vestir, saber apresentar-se e manter bom nível de conversa. Eram frutos de vivência bem aprimorada, que lhes faltou. (BITTENCOURT, 2012, p. 404).

---

<sup>5</sup> Nos dois primeiros anos do curso científico Arary obteve o terceiro lugar geral (RELATÓRIO..., 1953, p. 20) (RELATÓRIO..., 1954, p.46) e no terceiro ano o quarto lugar (RELATÓRIO..., 1955, p.65) merecendo destaque na listagem de notas publicada anualmente nos relatórios

Embora tenha vivido uma série de privações nos anos de internato, Arary também teve a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, concluir um curso que abria as portas para a universidade e aumentar sua rede de relações com a convivência entre os colegas do internato e do externato. Além de findar mais uma etapa da escolarização, agregou ao seu *habitus* classe popular disposições reservadas aos membros da elite; ao mesmo tempo em que era confrontado em sua situação de filho e neto de operários, aprendia e abria seu campo de possibilidades.

[Arary e seus colegas] Aprenderam com os colegas de elite, detalhes de comportamento social, etiqueta, sobre atividades liberais de seus pais, criando expectativas futuras que não conheciam com mais pormenores. A vida reclusa, ao imaginar liberdade após três anos, até foi fácil de cumprir. Trouxe ensinamentos nos mais diversos campos. A religiosidade levada ao extremo pelos dirigentes, que não aceitavam descumprimento, com certeza, levou a colher bons frutos como respeito pelas pessoas, humanização, reforço da crença que a natureza em sua ampla acepção é muito mais complexa à medida que nela se rebusca. Com certeza, o internato não formou religiosos de escol, mas determinou religiosidade exemplar. (BITTENCOURT, 2012, p. 408).

Nos últimos meses do curso secundário, a dúvida sobre qual caminho seguir passou a colocar-se de forma mais contundente. Tentou ingressar no Banco do Brasil por meio de concurso, mas não foi aprovado (BITTENCOURT, 2012, p.402). Como mantinha correspondência com uma tia residente em Curitiba e trabalhava como enfermeira num hospital para tuberculosos, Arary começou a estudar a possibilidade de cursar Medicina na Universidade Federal do Paraná (BITTENCOURT, 2012, p.407). O fato de gostar mais das disciplinas científicas e ter acompanhado as solenes visitas dos médicos ao seu pai, somou-se às informações profissionais repassadas pela Tia Ema, e Arary decidiu ir morar na capital paranaense e prestar vestibular.

### **O caminho profissional**

Conseguiu, com o auxílio de sua tia, um emprego no hospital, onde trabalhava auxiliando na faxina do hospital. Logo foi evoluindo por ter um diploma de ensino secundário e, por possuir algum conhecimento de anatomia, passou também a auxiliar cirurgias. Não conseguiu ser aprovado no primeiro vestibular, pois na prova oral discutiu com o professor e com isso não teve uma boa avaliação. Continuou trabalhando no hospital e, através do diretor desse estabelecimento, conseguiu uma bolsa de estudos num cursinho pré-vestibular, sendo aprovado para o curso de Medicina na segunda

avaliação. Durante todo o período em que cursou Medicina teve o apoio do diretor do hospital, que permitia que Arary cumprisse os horários de forma flexível e conciliando com o horário das aulas (BITTENCOURT, 2011, p.7). Dormia nos fundos de um pequeno teatro, numa moradia improvisada, porém, essa situação mudou com a abertura da casa do estudante, onde Arary passou a residir.

Na década de 1960, no Brasil, ainda não havia os cursos de residência, então a preparação das especialidades médicas ocorria na graduação e frequentando cursos e congressos depois de formado. Arary queria voltar para Tubarão, pois se sentia em dívida com o povo daquela localidade. Pensou que naquela época faltavam pediatras e intensificou os estudos nessa área durante o curso de Medicina (BITTENCOURT, 2011, p. 7). Pesou também o fato da mãe e da irmã morarem na mesma cidade.

Não conseguiu retornar diretamente a Tubarão, pois havia certa reserva de mercado dos médicos pediatras já estabelecidos na região, tendo então atuado como clínico geral em Jaguaruna e na localidade de Capivari de Baixo, onde cuidava da saúde dos empregados da Companhia Siderúrgica Nacional e de seus familiares. Após seis anos residindo em Capivari, conseguiu finalmente retornar a Tubarão, onde trabalhou no Hospital Nossa Senhora da Conceição, organizando o Serviço de Pediatria, antes inexistente, tendo contribuído para a melhora da saúde da criança tubaronense, muito precária na década de 1960 (BITTENCOURT, 2011, p. 7). A criação do INAMPS, vigente em todo o território nacional, permitiu que os trabalhadores com carteira assinada e seus familiares fossem internados e tratados nos hospitais da rede pública. Essa organização na área da saúde corroborou para que todo o serviço pudesse ser mais organizado e efetivo (BITTENCOURT, 2011, p. 10).

Na cidade de Tubarão, Arary também atendeu às crianças e suas famílias em consultório particular. Junto com alguns outros colegas de profissão, constituiu uma Clínica de Pediatria que serviu de experiência para a abertura de uma clínica maior, a Pró Vida, referência no ramo da saúde no sul do Brasil (BITTENCOURT, 2011, p.13). Nessa clínica, que atende a diversas especialidades, inclusive pequenas cirurgias, Arary foi diretor durante anos e ainda hoje trabalha como médico pediatra.

Essa experiência como pediatra em consultório e no hospital não foi construída isoladamente. Em sua turma de formados em Medicina, cerca de dez colegas decidiram-se pela Pediatria e vieram trabalhar em Santa Catarina, e o grupo durante décadas se

encontrou em jornadas, cursos e congressos, visando à troca de experiências e o aprofundamento teórico e das condutas médicas. Organizavam-se e se encontravam em diversas cidades catarinenses, inclusive trazendo professores de São Paulo para que, nesses encontros, pudessem continuar a sua formação (BITTENCOURT, 2011, p. 29).

Depois de ter deixado de trabalhar nas madrugadas, como plantonista no hospital e também deixar a direção da Clínica Pró Vida, Arary entrou num outro projeto. Utilizando vários recortes de jornais, revistas, escritos que guardou durante décadas, o egresso passou a escrever um livro sobre a história de Tubarão e a sua própria história, como um “menino de Oficinas” que chegou a concluir um curso superior de renome, sendo o primeiro do seu bairro a ter tal diploma. Essa atividade, além de preencher o tempo agora ocioso, também tinha como objetivo organizar e divulgar a história tubaronense, do bairro de Oficinas e dos moradores da localidade. Como não há muitas publicações com essa abordagem, os escritos de Arary vieram a colaborar com a memória social da cidade. Utilizando uma linguagem acessível, o autor buscou tornar acessível a todos o conhecimento sobre uma parte da história do sul de Santa Catarina. O livro está dividido em dois volumes: o primeiro conta a história de Tubarão, desde o Tratado de Tordesilhas; e o segundo é mais voltado para a vivência no bairro de Oficinas, em meados do século XX (BITTENCOURT, 2011, p. 14).

Órfão de pai, desde os dez anos de idade, Arary pôde contar com o apoio da família extensa, além do incentivo da mãe e da irmã, para constituir uma trajetória de sucesso na escola e na profissão. Estudou em Florianópolis e em Curitiba, mas retornou à cidade de origem, para desempenhar sua profissão de médico, trabalhando para a melhoria da saúde das crianças naturais de Tubarão.

### **Considerações finais**

Quanto à origem social, a família do egresso participante dessa pesquisa, possuía pouco capital cultural e econômico, ao passo que era fortemente presente o projeto e o desejo de ver o filho e sobrinho concluir um curso superior. Tendo presente esse objetivo educacional os pais e tios trataram de utilizar todos os capitais disponíveis para atingirem sua meta.

O capital informacional dessa família teve importante destaque na trajetória em questão. As informações sobre como funcionava a escolarização da época, quais os

estabelecimentos que ofertavam os diplomas necessários e onde se localizavam eram buscadas para viabilizar os percursos escolares que levariam a longas escolarizações. Esse capital também era acionado no momento de identificar as possibilidades de conseguirem bolsas de estudo, devido à impossibilidade financeira de arcar com as despesas escolares. Além das relações sociais familiares, a escola freqüentada por esse egresso muito contribuiu para o acúmulo de informações.

Naquele momento, o capital social familiar fazia-se necessário. As bolsas eram advindas, em sua maioria do Governo Estadual e por isso relações sociais com representantes locais e estaduais apresentavam maiores probabilidades de se conseguir uma bolsa de estudos. O argumento utilizado pelos familiares no momento de tentar obter uma bolsa de estudos, o bom desempenho escolar do entrevistado no ensino primário, encontrava amparo na lei que regulamentava o auxílio financeiro, os escolhidos para tal benefício deveriam ser aqueles que possuíam melhor preparo dentre os mais carentes. Além de obter notas acima da média, Arary era um aluno que tinha visibilidade na turma, sendo chamados a executarem tarefas representando o grupo de alunos de sua classe ou mesmo representando toda a escola. O destaque alcançado nessa etapa de ensino, não obstante as dificuldades de não ter em casa auxílio para as atividades escolares, foi decisivo para a continuação da escolarização. Para esse aluno, os recursos disponíveis pela escola (aulas, livros, museus, laboratórios e outros materiais) foram de extrema importância, visto que no universo familiar tal aparato era inexistente.

O início das atividades laborais não se deu ao final da escolarização, mas em paralelo ao ensino superior. Era necessário se manter na cidade onde frequentava a universidade, pois não contava com nenhum suporte material de suas famílias.

Esse egresso conseguiu, por meio de estratégias de suas famílias e de seu sucesso escolar no ensino primário, ingressar no ensino secundário num momento em que era o único caminho de ingresso em qualquer curso superior. As barreiras eram nítidas e as fronteiras eram claras. Ao ultrapassar barreiras e fronteiras e mantendo sempre o nível de estudo e de notas escolares, ele conseguiu acumular uma série de capitais posteriormente utilizados em sua carreira profissional. Trabalhou muitas horas por semana durante muitas décadas e conseguiu alcançar posições sociais diferentes das ocupadas pelos seus pais e avôs. Segundo os dados desta pesquisa, há indícios de que é

possível que pessoas advindas de famílias com poucos recursos culturais e sociais venham a ter trajetórias de sucesso, o que só é possível com estratégias familiares que possibilitem reverter o capital social em capital escolar, possibilitando assim o ingresso em profissões mais específicas, melhor remuneradas e mais reconhecidas socialmente.

### Referências:

BITTENCOURT, Arary Cardozo. Entrevista concedida a Juliana Topanotti dos Santos de Mello. Em 13 nov. 2011. Manuscrito.

\_\_\_\_\_. **O menino de Oficinas: Memórias, histórica e vivenciada, num bairro ferroviário em meados do século XX.** V. 2. Tubarão: Copiart, 2012.

\_\_\_\_\_. **O menino de Oficinas: Recontando o sul catarinense e em especial Tubarão.** v.1. Tubarão: Copiart, 2008.

BRASIL. Decreto – lei n. 37.494, de 14 de junho de 1955. Regulamenta a aplicação dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Médio. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 14 jun. 1955. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37494-14-junho-1955-334096-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A escola conservadora. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.p. 41-64.

\_\_\_\_\_. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b. p.231-237.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001

\_\_\_\_\_. O Público e o Privado no Ensino Secundário em Santa Catarina (1945 – 1961). **Revista de Educação Pública (UFMT)**. v. 20, p. 145-159, 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Atica, 2004.

RELATÓRIO do Colégio Catarinense – publicado no fim do ano letivo de 1955 (Referente aos anos 1953, 1954, 1955). Florianópolis: Colégio Catarinense, 1955.

**VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

